

BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1904

N.º 125

O Imperador da Allemanha



Guilherme II

Na viagem empreendida por S. M. Imperial da Allemanha, o primeiro porto visitado foi o de Vigo, onde se encontrou com Afonso XIII, de Hespanha. D'essa visita damos hoje varias gravuras. Ao dirigir-se depois para Gibraltar, o Imperador Guilherme II fez expedir o seguinte capticante telegramma a El-Rei de Portugal:

«Sua Magestade El-Rei — Lisboa — Passando Cabo de S. Vicente envio a vossa Magestade meus respeitosos cumprimentos — Imperador da Allemanha.»

Ao qual S. M. respondeu:

«A Sua Magestade o Imperador da Allemanha — Agradeço a delicada attenção de vossa Magestade — El-Rei de Portugal.»

CHRONICA

Axtra de começar a escrever invoquei, mentalmente, as occurências que maior impressão tinham produzido durante o espaço decorrido desde o nosso ultimo cavaco, para d'ellas destacar a que melhor se prestasse ás facetas luminosas, que uma chronica tem de pulir, com o paciente cuidado que o brunidor de pedras é obrigado a pôr na sua obra. As occurências que a minha memoria invoçou, por motivos diversos appareceram-me como insufficientes para esse trabalho laborioso. Não é porque lhes escasseie o valor. Ao contrario. Cada uma d'ellas representa um assumpto consideravel nos varios aspectos da vida social. Todas podem ser annotadas como pertencendo ao que mais salientemente representa a vida d'un povo, nas variantes multiplicas das suas mais dominadoras influencias. Mas, por isso mesmo que assim são, é que o meu espirito hesita em marcar-lhes a respectiva supremacia. A perplexidade que me domina é acerescentada com a convicção de que, se interporer recurso das minhas duvidas para um tribunal formado pelos elementos que tem voto directo no pleito, a sentença ficará presa a interesses contradictorios. Sei, d'antemão, que o que assim viesse a ser decidido — me prenderia a liberdade da escolha, violentando-me o impulso da consciencia com o ponto de vista interesseiro de cada um. A chronica, feita com semelhante orientação, teria um cunho de parcialidade, contrario ao meu proposito, e, o que é peor, ás minhas idéas, e, portanto, em briga com as minhas convicções. Não te parece, pois, melhor, leitor amigo, que antes de tomar uma decisão definitiva, antes d'escolher o assumpto para a conversa de hoje, eu te vá enumerando esses varios assumptos, chamando a falar, perante ti, as personalidades varias que com elles mais se preocupam, — e te exponha, seguidamente as razões proprias, contrapostas ás opiniões que por tal forma venham a ser indicadas? Bem sei que isto não dará a chronica que eu devia fazer, — mas talvez te interesse pela singularidade. Será como uma revista dos acontecimentos, — acompanhada d'um inquerito ás opiniões.

Supponhamos que a nossa primeira pergunta é dirigida ao primeiro ministro com que toparamos n'um dos corredores da casa do parlamento. Começamos alto... para procurar alcançar o caso mais levantado. Póde calcular-se, sem grandes osadias de vidente, que esse illustre personagem, mais em contacto com o chefe do governo, nos diria o seguinte:

— «O acontecimento saliente da quinzena? Mas não ha lugar para duvidas: foi o meu triumpho, — pondo fóra do governo o Teixeira de Souza. Não lhe valeu o amparo com que o Hintze o quiz socorrer. Venci! O transmontano refilão só apparentemente cahiu como Cezar: — apunhalado no Senado. Qual historia! Os projectos financeiros foram a mortalha na camara dos pares, não foram a arma homicida. Matou-o a minha vingança. Póde desenvolver isto n'uma larga chronica impressionista.»

Não, leitor amigo, não! O assumpto não corresponde aos desejos d'este fero vindicador. As bulhas entre os homens só não são desprezíveis quando se fundam n'um grande e bello ideal. O sangue que corra por uma larga ferida, aberta com uma profunda espadada, trocada em luta leal, frente a frente, ainda póde commover-nos e alligir-nos.

Mas como póde impressionar-nos intriga que triumphou em cildas de onzeneiro? Não! Não póde servir-me para uma chronica esse caso politico — tanto mais que a mim mesmo eu não consigo explicar como é que o sr. Teixeira de Souza se viu forçado a sair do governo por ter um projecto, ligado ao seu brio, que não andava para deante — ha quatorze dias, e o sr. Campos Henriques continua na teima de fazer parte da situação, tendo um outro projecto, ligado ao seu bom nome, que só tem andado para traz — ha quatorze mezes! Um tem de se ir embora por ter a responsabilidade d'uma tentativa para modificar os pagamentos ao Estado nos direitos aduaneiros; — o outro continua a ficar depois de uma tentativa para modificar o direito de herdeiros que andavam em litigio aberto! Um passa á transmigração como flôr do desalento: é *cravo dos mortos*, deposto sobre uma tumba: o outro ostenta-se pimpante, na sala de visitas da nação, ornando o rico jarão de Saxe, sempre alvo e immaculado, sempre lirio perfumado, sempre no goso das admirações, inatacavel na sua dolente ostentação...

Não! Passemos adiante. Não podemos fazer com estas flôres o ramilhete d'uma chronica.

Supõe, agora, para continuar, que chamavamos perante nós um dos varios politicos que n'este momento se encontram em perfeito accordo de opposição contra o governo do paiz. Imagina que o interrogámos sobre o acontecimento principal que se produziu durante a ultima quinzena. Demos-lhe a palavra:

— «O facto dominante dos ultimos tempos? Não póde haver hesitações. Foi o protesto do commercio contra o novo plano destinado a corrigir a situação da fazenda publica. Fecharam-se as portas de todas as lojas. Quando assim cessam as vendas — começam as revoluções.»

Não! Não te falarei aqui n'uma occurência que vae d'encontro ás triviaes conveniencias e recommendações do mais rudimentar bom senso. Deixar de vender é, para o negociante, deixar de ganhar. Quando os lucros diminuem, as dificuldades avolumam-se. Fechar a porta tem

contra a razão... e o Razão — que é um dos livros da sua escripta. Entre o *Deve* e o *Haver* o conflicto rebenta, com consequencias inevitaveis. Quem cerra a porta abre a fallencia. Commerciantes que fazem manifestações de fazer transacções. As idas a S. Bento, onde estão os oradores, levam-n'o direito ao tribunal do Terreiro do Paço, onde estão os credores.

Não! Não te falarei aqui, a contento dos politicos das varias opposições — tanto mais que o ridiculo foi já evidenciado pela troça! Pôr em movimento todo o paiz para alcançar substituir o sr. Teixeira de Souza pelo sr. Rodrigo Pequito, lembra a colligação de todos os exercitos europeus para alcançar a conquista... da republica de Andorra! Vamos antes bater a uma porta que se não fechou, que a ter-vel necessidade não deixa nunca fechar. Perguntemos ao consumidor qual foi o facto capitalissimo, mais merecedor do commentario demorado:

— «A grande occurência? Quem é que póde ter duvidas a esse respeito? O bacalhau, o *fel amigo*, sabiu um vintem em kilo, — sem deixar de fiar, como se diz no côro dos *Africanistas*:

... El bacalao
Estava duro como un demonio
Y muy saláo!

A pretexto de um tributo insignificante, que talvez não venha nunca a ter execução, a rapacidade do mereeiro accordou para uma injustificada exigência. Que pouca vergonha! A politica, para o tendeiro, é sempre pretexto para nos levar mais dinheiro!

Não! Não falarei aqui nos queixumes do consumidor, aceso em ira pelo acerescimento no preço do bacalhau. Contra as demasias desarrazoadas do vendedor rapace, ha o remedio conhecido — da cooperativa de consumo. Não é preciso juntar capitalistas com grandes sommas; basta juntar associados com decisão e boa vontade. Os lucros dados ao intermediario são entesourados como propriedade do agremiado. Nem expoliações, nem adulterações. Ganha a bolsa e ganha a saude. O homem dignifica-se, por que augmenta o seu bem-estar, com a verba absorvida por uma personalidade dispensavel. Não se deixa tosquiar, como os carneiros, embora estes, com melhor comprehensão do seu direito, só pelo abuso da força consentam — em que lhe levem a lã que a outros vae vestir. Os que se queixam da elevação absurda do preço do bacalhau, nem sequer tentam... marrar com a cooperativa? Não! Pois não será d'elles que fallarei hoje aqui. Reservemos antes a nossa sympathia... para os carneiros.

Consultemos agora de preferencia um militar. Indaguemos d'este qual foi a occurência mais importante, a que, acima de todas, merece estudo e critica.

— «O acontecimento dominador! Como é que póde haver hesitação?! A guerra no extremo-orient sobreleva, em importancia, a tudo quanto possa aqui occorrer. E' ver como até entre nós se reflecte esse magno acontecimento. Embora em segredo, estamos fazendo a mobilização d'uma parte do exercito. Ha dias effectuámos, em segredo, a compra de 100 mil armas. Temos encomendado, em segredo, alguns canhões de novos modelos. Em summa, em segredo, estamos nos apetrechando, como se estivesse para breve... a realisação do sonho de José Monk.»

Não! Não seguirei, tambem, na corrente em que este me pretende lançar. Revelar tantos segredos de nossa casa seria indiscrição, — principalmente depois de serem todos tão bem conhecidos. Fazer considerações sobre os cinco ataques a Porto-Arthur, seria pôr em risco os meus creditos... de strategico, vista a confusão contradictoria das informações, em que teriam de repousar as minhas apreciações... á *Wanderbilt*.

E depois a guerra d'agora é, por ventura, uma occurência sympathica, que mereça exaltar se, que seja digna de que se lhe consagrem reflexões tendentes a attenuar a impressão crudelissima dos seus repugnantes horrores? Não tem ella, na sua aspiração actual, attingido a formula utilitaria mais repulsiva, com a exhibição de intuitos de um grande e despejado cynismo? Não é para abrir novos mercados, não é para arranjar novos freguezes, que os povos se estrangulam? Ao menos os egypcios visavam a fundar um grande estado hierarchico e symbolico; os gregos miravam a estabelecer a belleza e harmonia; os romanos tratavam de assenhorear-se do mundo para lhe imporem a sua civilização. Por isso o professor Huxley, n'um artigo na *Revista dos Dois Mundos*, dizia: «A civilização moderna parece-me a manifestação d'um estado da humanidade sem ideal digno d'um tal nome, e sem mesmo ter o merecimento da estabilidade.» Tal é, em verdade, a resultante das modernas luctas, terminadas por meio d'imposições triumphantes. O que se está passando no extremo-orient é um exemplo flagrante da instabilidade das situações creadas com o morticínio das guerras.

Quando a Russia, apoiada nas suas alianças, estendeu auctoritariamente a espada para fundar novos armazens na Mandehuria e impedir

o Japão d'alcançar as consequencias naturaes a que visava a sua campanha contra a China, estabeleceu desde logo uma razão d'injúria, que tinha de ser liquidada n'uma nova campanha. Não! Não falarei da guerra...

Não querendo seguir na corrente dos que andam absolutamente dominados pelas noticias guerreiras, talvez conviesse voltarmos para os que, elevando-se em sentimentos altruistas, pensam mais nos que morrem de fome no canto d'uma rua, do que nos que morrem com uma bala n'um campo de batalha. Os que soffrem de miseria alheia, se forem perguntados sobre a occorrença sensacional da quinzena, não hesitariam na resposta:

— «Um desgraçado, revisor de jornaes, avassallado pela miseria, acabou á fome! Levaram o cadaver para a Morgue. Exporeram-n'o na mesa de marmore. Um jornalista reconheceu-o. Contou, então, na sua gazeta, em periodos repassados de piedosa misericordia, o fim d'esse homem, que tivera uma certa abastança e tivera uma triste familia. . . Morreu de fome! Não é esta uma das mais revoltantes iniquidades sociaes? Não está ahí, motivo bem palpitante d'interesse para uma chronica, fremente d'indignação, em que um protesto contra o egoismo dos ricos seja expresso em phrases candentes?»

Não! Não seguirei tambem por esse trilho. Nunca, em periodo historico algum, o proletariado foi mais numeroso. Reconheço-o. Ao lado d'esses que não tem com que comprar um pão, vivem outros que tem milhões bastantes para comprar um vasto imperio. Mas, facto singular! Esses que chegaram á posse de tantos centos de contos, não começaram, em geral, como herdeiros abastados: principiam por soffrer a miseria, por arrostar com as mais duras necessidades! James Gould e o pae Wanderbilt foi assim que iniciaram a sua campanha na existencia. Nem lhes fez falta a instrução! Nenhum d'elles soube nunca escrever cinco palavras sem deixar marcadas sete asneiras. O que souberam, porém, foi mourear afincadamente. Variaram de profissão para encontrar a que lhes desse pão — e depois lhes veio a dar a riqueza, estonteadora e colossal.

Certamente, que esse desgraçado Julio Monteiro, o revisor que morreu de fome, inspira piedade. Faz estremecer de horror o seu fim. Mas o exemplo de tantos, que da extrema miseria chegaram á extrema abastança, não estará indicando que os que se deixaram succumbir na lucta, foram mais victimados por preconceitos do que pela irremediavel fatalidade? Se esse homem contasse mais com o seu braço do que com o seu cerebro, mais com as forças naturaes do que com as intellectunes, não encontraria meio de fugir á situação em que se encontrava? Revisor de jornaes! Mas ha nada mais intellectualmente perturbador do que esse trabalho de leitura desinteressada, que não segue idéias mas examina phrases, que não quer saber de pensamentos e segue só palavras, que não tem como objectivo senão corrigir erros de forma. — e trocar e retrocar letras, extraviadas ou mal dispostas pelo compositor ao saen-las dos caixotins! Não seria para esse desgraçado um trabalho menos absorvente, menos violento, mesmo, cavar a terra dura com uma enxada pesada; tirar d'esse recurso supremo o direito ao pão duro que o alimentasse? O preconceito, talvez mais do que as forças, afastaram-n'o d'esse caminho salvador. Um homem apto para rever as provas d'uma gazeta, como havia de descer ao recurso extremo dos analfabetos! Morreria de fome para não decair no proprio conceito que das suas aptidões scientificas formava? Quem sabe.

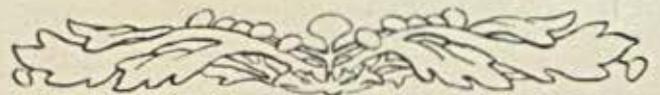
Não! Tambem não será sobre esse thema, que eu escreverei a chronica d'este numero. Procuremos outro acontecimento.

que as sabe formular. De resto a mesma variedade nos espectaculos obri-gava-me a contendas, que estão fóra do meu proposito e do intento bonachão e desenfatiado d'esta chronica. Para me pronunciar sobre o Maeterlinck eu teria que me inclinar para o Max Nordal — que diz que elle é um idiota, ou para o Octave Mirbeau — que diz que elle é um genio maior que o Shakespeare. Se em vez de me pronunciar sobre os meritos do marido, que faz as peças, eu intentasse manifestar-me sobre as qualidades da mulher, que é quem as representa, a minha situação não seria menos embaraçosa. Não a vi bastante despida para jurar até que ponto ella leva o realismo no desempenho do papel da Monna Vanna, nem a vi bastante de perto para conhecer a idade exacta que ella tem para poder fazer bem a Joyselle. Se fugindo da arte belga que escreve peças, passasse a tratar, aqui, da arte com que o outro belga, Ysaye, toca violino, eu correria o risco de ajustar a minha critica á sentença do proverbio que castiga os que invadem a profissão alheia... tangendo o rabecão. Se abandonando, pois, os estrangeiros e as suas artes, eu passasse a discursar sobre a evolução nacional das peças com que os estudantes da Universidade, usam celebrar o encerramento do curso e da vida airada, ahí mesmo eu correria o risco de me intrometer n'uma contenda — que a minha idade já não justificaria. A rapaziada está dividida em dois bandos, representando duas escolas. Ha os classicos, e ha os revolucionarios. Uns defendem com desespero a tradição: querem a peça de Coimbra, só com os typos de Coimbra, exclusivamente para ser perechida e saboreada em Coimbra. Os outros inauguraram a evolução: quizeram a peça contando Coimbra aos que não são de lá, fazendo perceber bem os typos aos que nunca viram a linda cidade do Mondego, organisando o espectáculo por maneira que elle possa ser recebido e representado, com agrado e com applauso, sem o favor e as complacencias que são d'uso dispensar aos que não são profissionaes.

Não querendo falar dos oradores, dos ministros, dos parlamentares, dos que escrevem, dos que representam, dos que cantam, dos que tocam, dos que morrem e dos que se matam — eu tinha ainda o recurso de falar... dos que dançam. Era... um spasso arriscado. O bailado, mesmo n'um só theatro, estava este anno dividido em duas escolas. Em S. Carlos havia o genero italiano e o genero francez. Vá lá um homem pronunciar-se, convictamente, por uma pirueta expressa em dois estylos assim separados pelos Alpes! Para que a confusão fosse ainda mais profunda, um outro empresario, o do Coliseu, inaugurou, com duas lindas mulheres, a escola hespanhola. Quem se ha de aventurar n'esta Ballet choreographica?

Decididamente, nenhum d'estes assumptos, leitor amigo, me dá ensejo para que eu te faça, n'este numero, a chronica d'esta quinzena. O meu desespero deve egualar o teu espanto. Contudo, pela parte que me dá respeito, eu tenho ainda de fazer-te outra declaração, — que não escrevo aqui sem uma certa commoção. De futuro, só de longe em longe nos encontraremos n'estas columnas hospitaleiras, onde a gentileza dos que as dirigem se acentuou para comigo em amabilidades successivas. Devo-lhes a elles este testemunho de affecto — e a ti esta manifestação de saudade e despedida.

J. BARBOSA-COLEN.



Já abandonei os politicos, agitados em assomos de revolta; já me apartei dos consumidores, enfurecidos pelas extorsões; já tomei por caminho diverso dos que tem posto o melhor do seu enthusiasmo na celebração dos feitos guerreiros de russos e japonezes; já me separei dos que no noticiario da miseria só encontram anathemas contra o egoismo dos ricos. Que fazer? Proseguir impassivel, rebuscando outras occorrencias. Consultar outros personagens que postos em outro ponto de vista, tenham, da importancia das occorrencias, outra noção especulativa.

Passo, pois, dos que soffrem aos que se divertem:

— «O facto capitalissimo d'esta quinzena? Mas não pôde haver duas opiniões a tal respeito: é a movimentada vida theatral d'esta cidade de prazer. Tivemos espectaculos d'uma variedade que constituiu um verdadeiro regalo para os gourmets. O menu, effectivamente, não podia ser nem mais tentador nem mais variado. Para os que só vivem pelo espirito — as peças de Maeterlinck; para os que suppõem que a musica na voz é a expressão suprema do encanto celeste, tivemos ainda o Bonci e a Pandolfini; para os que querem a musica expressa pela instrumentação vibrada genialmente, tivemos os concertistas Pugno e Ysaye; para os que querem o theatro como festa que alegre e não prenda com complicações d'enedredo, tivemos a revista de Camara Lima e Mello Barreto; para os que querem dramas que lhes expremam os reservatorios lacrimaes, tivemos o *Amor de Perdido*; para os que gostam de ver o theatro por quem não seja do theatro, recebendo sensações novas, que só provocam os que não andam sujeitos a regras arbitrarías, tivemos os estudantes de Coimbra, dando, em episodios da bohemia academica, a impressão revolucionaria contra a forma tradicional d'essa bastante esgotada especie de peças annuaes; finalmente, para os que a todas estas formas, de manifestação mais ou menos espirital, gosam mais com a exhibição da plasticidade feminina, mostrada a pretexto da agilidade funambulesca de piruetas sábias, tivemos bailados, como desde muito se não organisavam — e bailarinas como desde muito não appareciam. Póde, pois, hesitar-se?! O theatro é o assumpto que deve dar a chronica d'esta quinzena...»

Não! Tambem não será ao theatro que eu recorrerrei. Seria invadir a ceara alheia, — com a aggravante de me expôr, pela impericia, a contradizer opiniões de quem aqui tem mostrado a auctoridade especial com

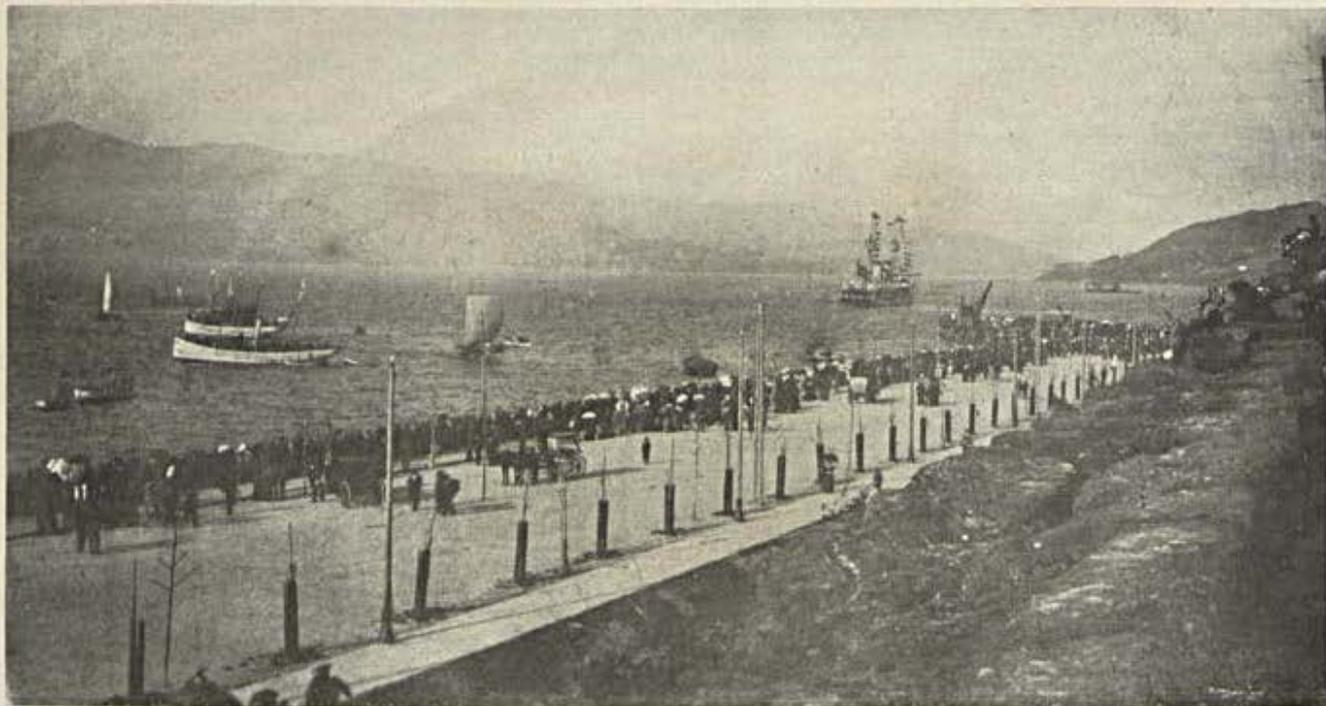


Rodrigo Affonso Pequeto

Novo Ministro da Fazenda

Professor distinctissimo do Instituto Industrial de Lisboa, desde os 21 annos de idade, e depois de um concurso muito brilhante, antigo vereador, deputado e par do reino electico, membro do conselho fiscal do Banco de Portugal, fundador da Sociedade de Geographia, muito dedicado sempre ás questões economicas e financeiras, o novo ministro é um homem de fina educação e cujo caracter tem entre amigos e adversarios as maiores sympathias.

Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha



Aspecto de Vigo

As nossas gravuras

No dia 21 de março, anniversario de S. A. o Principe Real, esteve em festa o quartel de infantaria 18, no Porto, do qual o Principe D. Luiz Filippe é commandante honorario. Houve missa campal, benção da bandeira, e o quartel esteve engalanado. De todos esses festejos damos hoje gravuras segundo photographias do

atelier Guedes, um dos modernos e mais afamados *ateliers* photographicos d'aquella cidade e que por vezes tem gentilmente obsequiado a nossa revista com trabalhos seus.

São ainda do sr. Guedes as photographias que constituem o *compte rendu* da entrevista de S. M. o Imperador Guilherme II, da Allemanha, com S. M. El-Rei Affonso XIII de Hespanha.

A falta de espaço obriga-nos a retirar varios artigos, e entre elles um de Tinop sobre o jornalista José Agostinho de Macedo, e diversas gravuras, entre as quaes ainda uma representando a nova bandeira de infantaria 18.

Os festejos de Infantaria 18



Grupo de officiaes de infantaria 18, tirado no dia 21 de março de 1904 anniversario do commandante honorario S. A. o Principe Real

Os festejos de infantaria 18



A comissão de sargentos de Infantaria 18, promotora dos festejos no dia do anniversario de S. A. Real



O Coronel passando revista na parada do quartel de infantaria 18

A mystificação cesarista

Excerptos de um livro inédito

II

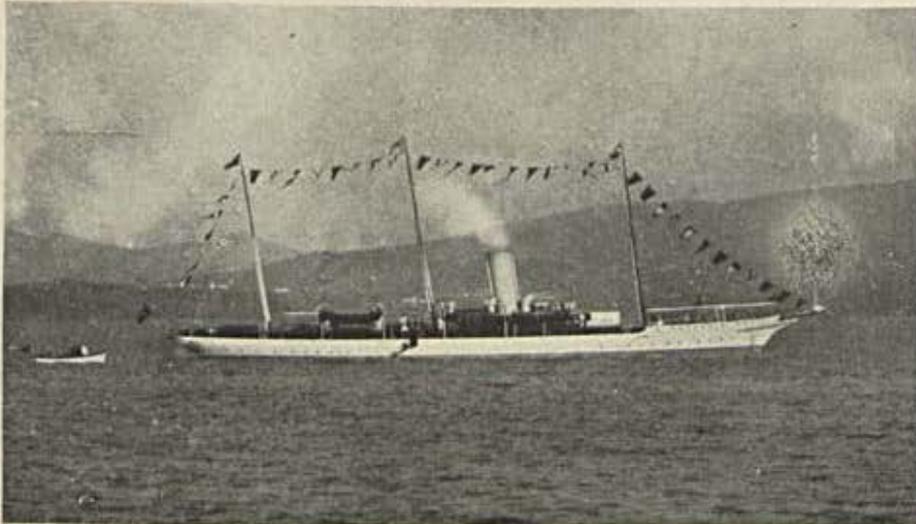
A verdadeira resposta das Potencias não está no lyrismo das suas replicas mas na realidade fria das suas practicas. Concomitantemente com os vãos idealistas de Guilherme II, todo abrasado em santa solidariedade com o seu augusto irmão da Russia, a Allemanha reforça o seu exercito permanente com 25.000 soldados. Para não deixar-se distanciar pela França, augmenta

sões pullulam, transparentes: «A historia encarregou-se de demonstrar-nos que a vontade da mais poderosa monarchia não conseguiu alterar os interesses de uma grande nação ou as condições da sua existencia. Se uma nação pretende manter a sua independencia, deve possuir a força necessaria para, em qualquer emergencia, garantir os seus direitos.» Rebel, o celebre leader socialista, vai mais longe: rasga o véo da hypocrisia diplomatica, e comparando a resposta do Imperador com o novo projecto em discussão, classifica de «verdadeira zombaria» a duplicidade de semelhante attitude. Um dos membros mais influentes do partido conservador, o barão von Stumm, chega mesmo a lançar no debate a nota da absoluta disfaçatez politica, aconselhando a votação immediata do projecto, visto como a ter de dar-se em todos os exercitos uma redução proporcional dos armamentos, dez por cento, por exemplo, «todas as vantagens ficariam com o paiz que maiores progressos houver feito em seus preparativos militares.»

A Austria, por um dos órgãos militares de maior influencia no dualismo austro-hungaro, o *Reichswehr*, de Vienna, aponta aos seus leitores o exemplo da Allemanha e da Russia: o novo projecto militar allemão, em via de ser convertido em lei, outro effeito não pode ter sobre este paiz senão o de obrigar a Monarchia, a despeito das conferencias da paz e de pretensas economias, a crear um 16.º corpo de exercito em Brünn e a rearmar e reorganizar a artilharia de campanha; pois que, como muito bem declarou o general von Goesler e a historia ensina, quando um povo deixa de manter um exercito proporcionado á extensão do seu territorio, renuncia á posição que deveria occupar.»

Nem o proprio auctor do rescripto, entregando-se a um ligeiro exame de consciencia, tinha que reprehender-se com um desastre de que elle e só elle fôra culpado. Que credito podiam merecer as palavras de paz do soberano que ainda um mez antes da primeira circular Muravieff firmava o ukase imperial de 1898 auctorizando a dispendir em novas construcções navaes a cifra enorme de 237.500.000 francos, encomendando, para maior presteza, uma parte d'essas unidades ao estrangeiro, especialmente aos Estados-Unidos, procedendo á transformação completa do armamento da sua infantaria e obrigando a Inglaterra, coherente com a sua doutrina da *parallel action*, a solicitar do Parlamento um credito adicional de oito milhões de libras com identica objectiva?

Eis porque, dois dias antes da conferencia da Haya, a 16 de maio, se escrevia no *Times*, em editorial visivelmente inspirado pelo Foreign Office — «A ideia do desarmamento geral talvez nem pelo proprio Tzar houvesse sido julgada exequivel. A ideia de uma suspensão de armamentos cuja oportunidade o manifesto collocou em primeiro lugar e a circular de janeiro renovou, foi universalmente abandonada. Os

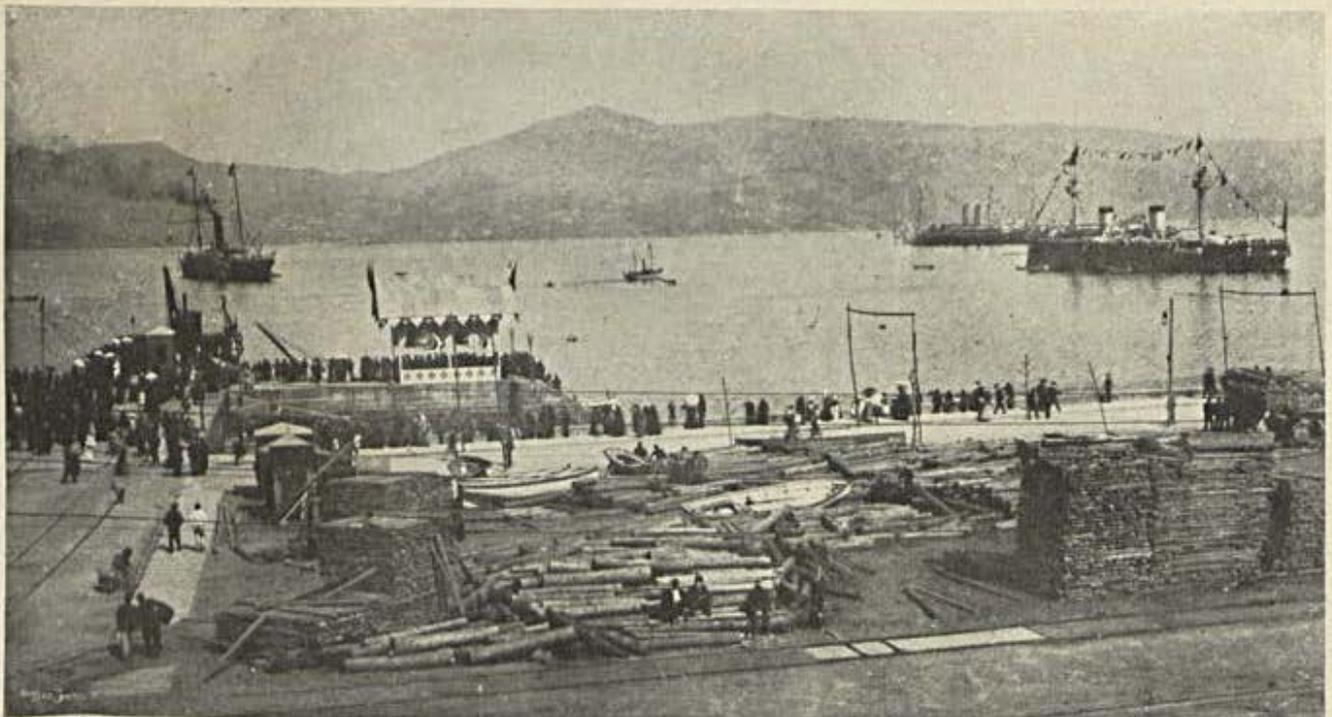


Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha

O yacht real «Giraldo», pertencente a Affonso XIII

a sua artilharia, cuida das baterias de tiro rapido e completa o formidavel programma naval do sextennado com o projecto apresentado ao Reichstag em feveiro de 1899. O general von Goesler, ministro da Guerra, exclama em pleno Parlamento, n'um discurso em que as allu-

ções pullulam, transparentes: «A historia encarregou-se de demonstrar-nos que a vontade da mais poderosa monarchia não conseguiu alterar os interesses de uma grande nação ou as condições da sua existencia. Se uma nação pretende manter a sua independencia, deve possuir a força necessaria para, em qualquer emergencia, garantir os seus direitos.» Rebel, o celebre leader socialista, vai mais longe: rasga o véo da hypocrisia diplomatica, e comparando a resposta do Imperador com o novo projecto em discussão, classifica de «verdadeira zombaria» a duplicidade de semelhante attitude. Um dos membros mais influentes do partido conservador, o barão von Stumm, chega mesmo a lançar no debate a nota da absoluta disfaçatez politica, aconselhando a votação immediata do projecto, visto como a ter de dar-se em todos os exercitos uma redução proporcional dos armamentos, dez por cento, por exemplo, «todas as vantagens ficariam com o paiz que maiores progressos houver feito em seus preparativos militares.»



Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha

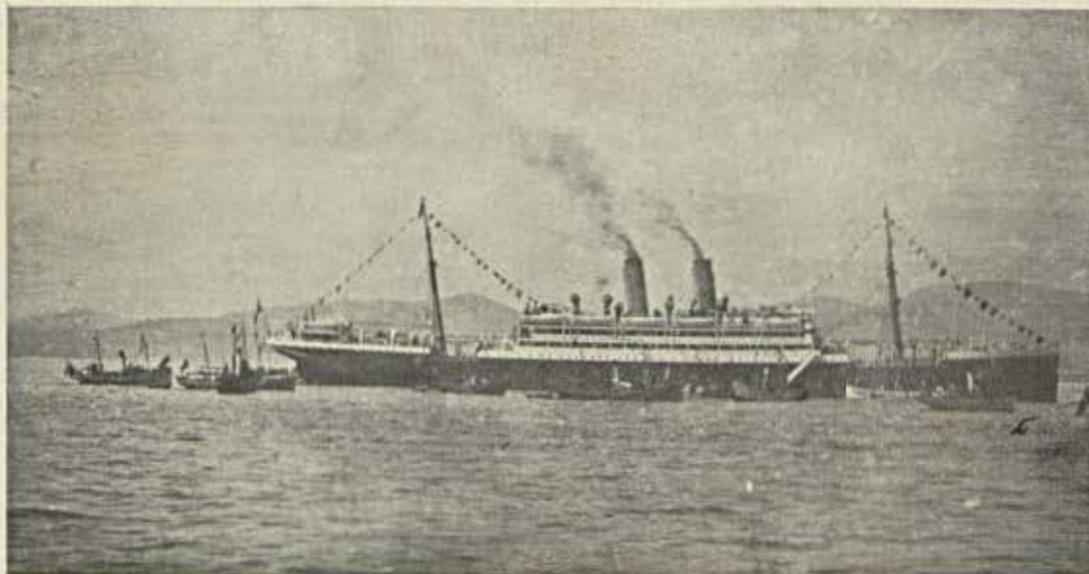
VIGO — Caes do embarque e esquadra hespanhola

acordos amigáveis para impedir o desenvolvimento dos métodos científicos de fazer a guerra tem sido recebidos com um sorriso por aquelles que reflectem na forma por que acordos solemnes são constantemente violados pelas nações signatárias de semelhantes renuncias em casos de interesses em jogo muito menos vitais do que os seus poderes de offensiva e defensiva... E, mais adiante, «acrescentava o grande órgão do imperialismo: — «A inexistência do desarmamento e mesmo de uma suspensão de armamentos por accordo internacional nas circumstancias actuaes que ninguém pode alterar, tem sido claramente indicado não só pela opinião publica nos principaes Estados da Europa como pelo notavel incremento de actividade notado nos seus Ministerios da Guerra e Almirantados a partir do manifesto do Tzar. Não ha talvez um Estado na Europa

que não tenha augmentado largamente os seus recursos offensivos e defensivos desde a publicação desse documento e a propria Russia merece particular reparo pela magnitude dos seus preparativos bellicos.» E concluia, fazendo suas as palavras de Bismarck a Crispi: — «Deixemos esses assumptos para as sociedades da Paz».

«Nós tambem mandámos ao Tzar uma carta effusiva — exclamava o publicista Henry Howorth — e, no entanto, não estamos construindo mais navios do que nunca e qual del'es mais poderoso? Não estamos augmentando a nossa artilharia e tractando de melhorar a todos os respeitoes o nosso exercito, consagrando-lhe, de anno para anno, sommas mais avultadas? E porventura não o fazemos com o concurso de todos os partidos? Não foram, nesta materia, tão activos Lord Spencer e Mr. Robertson como o são hoje Mr. Goschen e Mr. Macartney?» (1)

Que diremos da França? Passada essa primeira crepitação que a poeira das chimeras generosas inevitavelmente produz ao cahir na alma dos povos em que predominam as qualidades affectivas, a verdadeira opinião nacional franceza não procurou occultar o seu descontentamento. Como conceber uma paz duradoura sem o apaziguamento previo das causas perturbadoras existentes, de algumas, pelo menos, da questão da Alsacia-Lorena, vital entre todas, chaga aberta no flanco da patria franceza, obstaculo formal a qualquer solução séria, no conceito universal dos tractadistas? E, nas duas circumstancias, nem uma palavra, nem uma referencia, nem sequer a possibilidade de uma intelligencia sobre o assumpto: o *statu quo* puro e simples, o acto consummado, o reconhecimento tacito da expoliação! E para isso fizera a França,



Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha

Os estudantes — Manifestações de sympathia ao Imperador

democrata e republicana, essa alliança hybrida que tantas sympathias lhe alienara no conceito dos democratras de todo o mundo!

D'ahi as criticas apaixonadas que a proposta despertou, não faltando quem accusasse a alliança de convenio leonino em que a uma das partes, a Russia, cabiam todas as vantagens, principalmente a de, aproveitando se da santa ingenuidade da sua aliada latina, usar e abusar largamente da influencia e dos recursos financeiros desta.

«Do Velho ao Novo Mundo, portanto — conclue um publicista britannico — a mesma curiosa associação do Marte e Venus.» Palavras de paz logo desmentidas por actos de guerra. Até aos Estados-Unidos, com um pé na bacia do Atlantico, outro na do Pacifico, descobrindo inopinadamente, um horizonte de ambições infinitas, adoptam com a desmesurada energia das suas grandes resoluções a politica dos exercitos permanentes e das vastas esquadras» (2)

E a *entente* previa, a cordialidade de relações só se estabelece quando extra-officialmente, pela troca mutua de ideias, todos os delegados adquirem a certeza de que a questão do desarmamento será adiada para melhores tempos. (3)

CUNHA E COSTA.

- (1) *The Tzar's new Gospel of Peace: Nineteenth Century*, rev. 1899, p. 210.
 (2) REV. BARROSA: *Politica externa: a Esperança*, Editorial d'A Imprensa.
 (3) *Times Weekly Edition*, junho 9, 1899: «Our special correspondent says that the hopeful tone among the Conference delegates is principally due to the certainty that the question of disarmament will by common consent be allowed to lapse.»



Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha

Os ministros dirigindo-se para bordo do «Giralda»

Os festejos de Infanteria 18



Caserna da 2.^a companhia do 2.^o batalhão de Infanteria 18, engalanada pelos soldados, no dia 21 de março, aniversário de S. A. o Príncipe Real



Missa Campal no Campo de Santo Ovídio, no Porto, no dia 21 de março, aniversário natalício de S. A. o Príncipe Real. Salva na ocasião da Elevação

Emmanuel



São tres os vivos: Emmanuel, Georges e Paulo. Este é o mais velho — Emmanuel. Os outros, sete, só abriram os olhos para deixar na terra o que era da terra — lagrimas — e logo tornaram ao céu. Foram-se, deixando-nos a chorar e, onde houve sete esperanças cresceram, uma a uma, sete eternas saudades. O nosso Setestrelas transformou-se em panoplia igual á do coração triste da Dolorosa.

Foram-se, mas eu os sinto em mim — será illusão? Talvez.

Quando me ponho a pensar no passado ouço como um rufar d'azas no coração e logo uma revoada de pequenitos vem cercar-me, formando em torno de mim uma aureola jocunda

como as que compunham, com aladas cabecinhas d'anjos, os mestres suaves do Renascimento. Estão no céu. Mas falemos dos vivos, do que aqui está, o mais velho dos tres: Emmanuel.

Escrevendo sobre um filho devo usar de lealdade aconselhando a quem me lê que desconte n'esta biographia a collaboração do amor, que é quasi tudo, e terá então, em linhas verdadeiras, o ligeiro petifil de uma creança. Mas, francamente — eu não vejo assim: apesar de ser myope, gráu 7, tudo n'este pequeno assume a meus olhos proporções extraordinarias. Riam-se á vontade, comparem-me á coruja da fábula, que importa! Parodiando direi: «O amor é um aspecto do ideal visto atravez do coração». E, como a Natureza é verdadeira, com as suas miragens, é verdadeiro o Amor com os seus enganos.

Na figurinha que aqui está, sorrindo e a mostrar os dentes, como a abelhinha, irrequieta e doirada, que faz o mel delicioso mas não esconde o ferrão, vivo eu a semear sonhos; semeio-os com esperança e já os tenho regado de lagrimas, eu e alguem mais... essa então! Se os olhos não fossem fontes perennes, se os olhos fossem de neve, onde andariam a correr, desfeitos em lacrimaes, os olhos que me alumiam!

Mas, que sonhos são esses? são tantos que se eu os quizesse enumerar encheria com elles toda esta *Revista* e talvez alguem me ficasse no fundo do coração, o mais mimoso, sem duvida, porque são esses os que mais se entranham.

Até hoje — (note-se que me refiro ao tempo do retrato) — a vida do meu heroe em pouco differe da dos demais petizes. Não teve coqueleque nem lamuriou leis de amor: virão com o tempo essas molestias inevitaveis.

E' garrulo, fala a valer, sem preocupações grammaticaes, como muito bacharel que legisla e lava sentenças. Tem a mania da escripta (hereditariedade psychologica, dirão) mas não escreve: rabisca, e qualquer muro lhe serve. Não lê as suas garatujas, mais mysteriosas que as palavras lançadas a fogo nos muros do palacio Balthazar. E' possivel que encerrem ideas sublimes: ninguem, porém, conseguiu, até hoje, decifral as, nem as decifrará o mais arguto paleographo — são tão inviolaveis como o segredo de Isis.

Com uma espada e um cornetim é Orlando — e não estrondaram mais fragorosamente os golpes de Durandal nas penhas dos Pyreneos, nem o energico oliphante retumbou com mais atróo pela sombra e aspera garganta da traição do que estrondam e retumbam, entre as paredes da minha casa, as cutiladas e os guinchos dos instrumentos de lata com que o petiz anda a fazer jus a um poema epico.

A louca elle a multiplica, não com a milagrosa providencia de Christo, mas com a crueldade arrasadora d'um Attila: d'uma chicara, mesmo da China ou de Sevres, faz oito cacos, ás vezes mais.

Se lhe dão um tambor rufa desabaladamente durante uma hora: de pois, pensativo como Hamlet contemplando o craneo de Yorik, põe se a miral-o e trata, por um processo summario, de ver se ha alguma cousa entre aquellas pelles retesadas. E... era uma vez um tambor.

Em uma das suas pupillas a *menina* pergunta «Porque?» A gemea, da outra pupilla, exclama «Que será!» É á curiosidade das duas trefegas meninas é que attribuo a má sorte que têm todos os brinquedos do pequeno.

Adora a musica de pancadaria, os foguetes... de longe. os animaes pacientes e tudo em que entra assucar, desde que não traga etiqueta de pharmacia. Tem perguntas acabrunhadoras, outras extravagantes.

Uma noite, contemplando a lua nova, perguntou-me preocupado: «Papai, quem quebrou a lua?» e, como eu demorasse a resposta, deu-a elle mesmo: «Foi o menino Jesus». E concluiu, em tom sentencioso e convicto: «E Papai do ceu não ralhou.» Comprehendí que o esperaição citava a bondade do Padre Eterno como um exemplo de complacencia porque, enfim, eu, ás vezes defendendo, com certa energia, o guarda louca e as vidraças.

Para que carreira tem mais disposição? para todas — depende da impressão ou do interesse. Em certa semana santa vendo na sacristia o vigario, entre cartuchos de confeitos, á espera da procissão, quiz ser anjo: logo, porém, com mais gulodice, propoz-se a vigario. Está bem visto que não foi por espirito religioso. Mais tarde, vendo desfi-

lar um regimento, entusiasmado com a galhardia dos soldados, pendeu para o militarismo. Um dia declarou-me peremptoriamente que queria ser mascarado. Contrariei-lhe a vocação mostrando os mil e um inconvenientes da politica, e elle, impertigado, d'olhos fitos, perguntou muito serio: — «Que queres tu que eu seja então?» «Um homem», respondi. «Pará casar!»? Exclamou contente o pirralhito. Que diabo de idéa fará elle do casamento? Não sei... nem elle.

Eis a biographia do heroe até ao dia que foi retratado, como aqui o veem. Já lá vão tres annos — elle tem hoje cinco: é quasi um homem. Já não tem os lindos cachos (que tristeza em casa no dia da tonsura!) nem sae com vestidinhos tufados — usa calças e blusa á marinho, um gorro um pouco arrojado para o alto da cabeça e faz zunir um junco, terror do angorá domestico.

Quando vem meninas visital-o, com gentil desembaraço e o donaire de um cavalheiro galante, faz-lhes as honras da casa, offerece-lhes *bonbons* e flores, e já o surpreendi, uma vez, a olhar enternecidamente para uma pequenita de seis annos, que ostentava uns ares graves de dama de corte, mas que tambem, valha a verdade, não tirava os olhos d'elle: pareceu-me que ambos tinham as faces coradas... Talvez de anda-em ao sol.

Chamei minha mulher e, afastando, de leve, o reposteiro ficamos enlevados no erleio d'aquelles dois — eu a sorrir, ella a sorrir tambem, mas... Tambem estas mães choram por tudo mesmo quando vêm os filhos venturosos... mas, deixem lá, ellas têm razão, porque quando a Morte não nos leva os filhos... o Amor nol-os vem furtar... E não é que eu ia tomando a serio a biographia do meu heroe de cinco annos?

Campinas.

COELHO NETTO.

Dentro da vida

Pensa na luz da Aurora, Amigo, e ouve-me bem:
Para te dizer tudo o que quero, devia
Ser como voz de Amante ou como voz de Mãe
Em horas de tristeza e em horas de alegria...

Ter a doçura grave e bôa d'um perdão
E a ancia de quem segue uma esquiua miragem,
E a religiosa paz que te enche o coração
Quando a tarde acinzena os longes da paysagem.

E a loucura sensual dos corpos confundidos
N'um abraço que os prende até os magoar,
E a amargura sem fim, e o chôro e os gemidos
Dos que, buscando a luz, acabam por cegar!

E a saudade do sol parado no Poente,
E o socego do luar, e o perfume da flor,
E a beleza de quem procura frente a frente
O Mal — para o vencer com gloria e sem terror.

Porque tudo isto eu vou dizer-te, pois tudo isto
E' apenas a força, altiva e carinhosa,
Que ensinou e guiou o coração de Christo
Como traz harmonia ao florir d'uma rosa.

E' a força do Amor, que não deixa morrer
O que já é Passado, e vae sempre ligando
A Vida que termina á que fôr a nascer
O sonho que se esquece ao que se fôr sonhando.

E chama-se Paixão e Bondade — e opprimida
E' toda a sêde, toda a ancia e os ideaes
De quem, tentando ir alem da propria Vida,
A vae prendendo e confundindo ás outras mais.

E chama-se Desejo, e chama-se Tristeza
— Tristeza de sentir que vamente se quer
Aquella perfeição ingénua de Belleza,
Seja sonho distante ou carne de Mulher.

E é tambem gloriosa e chama-se Alegria
— A alegria de ter finalmente alcansado
O que era vago, inalcançavel, e fugia,
De nós, quasi perdido, embora a noasso lado.

Chama se tudo o que é viver sem descansar,
Sem covardia, sem mentira — na anciedade
De não parar a vista onde parou o olhar,
De ir alem do Mystério e para a Realidade!

Coimbra.

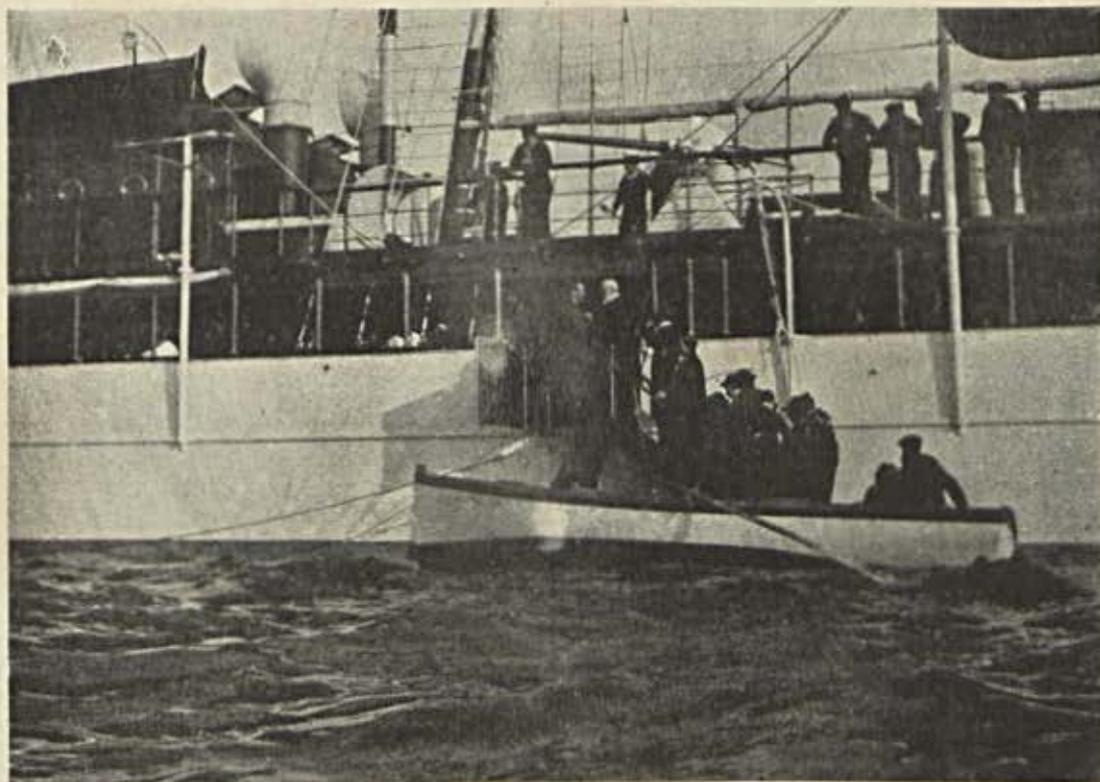
(Do recente livro *Palavras são*)

JOÃO DE BARROS

Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha

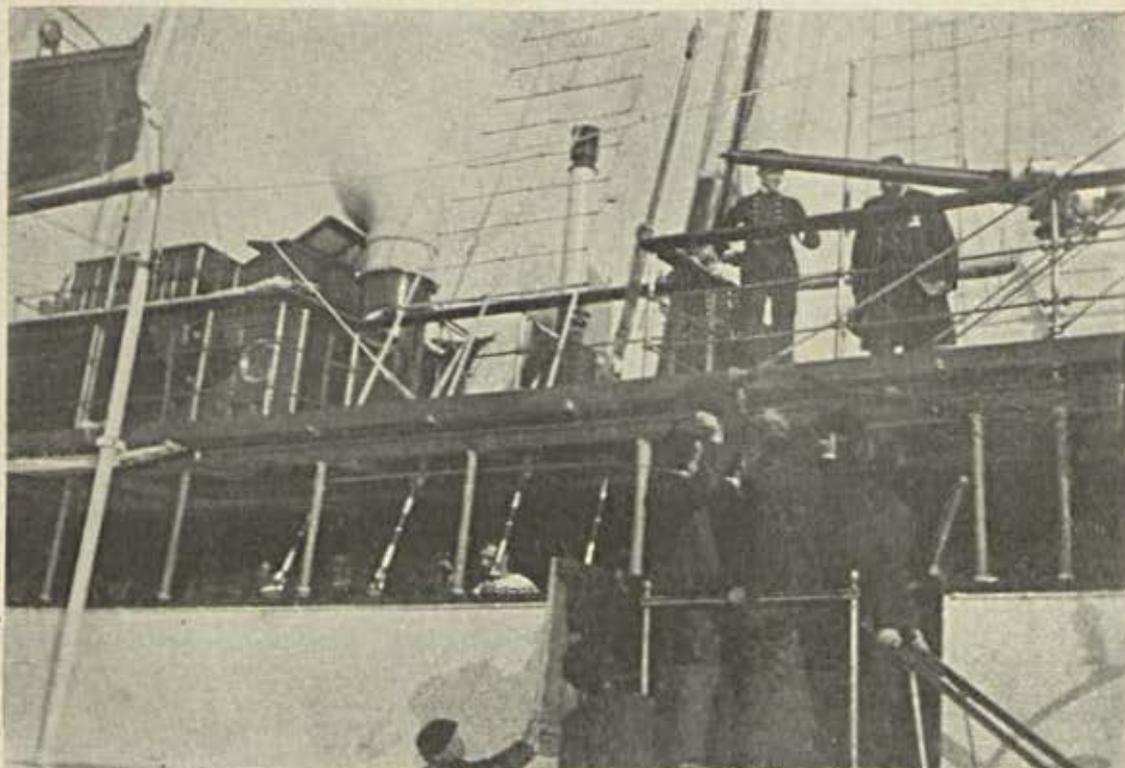


VIGO — O aviso «Vasco Nuñez de Balboa» conduzindo Afonso XIII, de Hespanha, e Guilherme II, da Allemanha, e seguido de vapores com estudantes e outras pessoas, em passeio pela ria de Vigo.



VIGO — O ministro sr. Alande Salazar a bordo do «yacht» real «Giralda» cumprimentando o reitor da Unicersidade de Santiago e uma commissão de estudantes

Entrevista do Imperador da Allemanha e do Rei de Hespanha



VIGO — O Rei de Hespanha despedindo-se dos estudantes a bordo do «Giralda»



Chegada de Afonso XIII à estação de Vigo

Politica internacional

A guerra russo-japonesa, absorvendo como de direito todas as atenções, não deve contudo fazer esquecer que outros acontecimentos se estão passando na politica internacional, que merecem ser relembrados pela sua importancia ou pela sua significação.

O primeiro d'estes acontecimentos é indubitavelmente o cruzeiro do Mediterraneo, empreendido por Guilherme II para restabelecimento da sua abalada saúde. Por que motivo, porém, desperta esta viagem do Kaiser tão particular interesse? Não é elle o eterno viajante constantemente em movimento, uma especie de victima d'alguma mysteriosa nevrose ambulatória? Uma viagem a mais ou a menos a inscrever no seu roteiro não parece assumpto bastante grave para merecer as honras de ser memorado n'uma chronica de politica internacional. O proprio facto de a actual viagem ter por fim restabelecer a saúde do imperial viajante não deve parecer extranho, tratando-se de quem submete a sua força de resistencia physica a tão duras provas. Os imperadores, mesmo os que se supõem encarnação da divindade n'este mundo, não estão isentos dos achaques que são a herança da pobre humanidade.

Tambem se fatigam, tambem necessitam repouso, e tambem se ariscam a algum accidente serio, se não procuram por opportuno descanso corrigir as consequencias das suas fadigas. Guilherme II está cansado, o que não admira. Necessita refazer-se de forças, o que é perfeitamente legitimo. Natural é, pois, que viaje; o que não é para estranhar. Mas por que razão esta viagem está chamando a attenção geral? Será por causa da entrevista que hontem teve logar com o rei de Hespanha, e da que porventura amanhã realisará com o rei de Italia? Decerto que não. Entrevistas e ás duzias com quasi todas as testas coroadas e não coroadas da Europa e da America tem celebrado o Kaiser, e nem porisso o mundo deixou de seguir o seu giro habitual. Uma entrevista a mais ou a menos não nos parece que seja caso para inquietar a diplomacia europêa, de resto já habituada a esta feição característica da idiosyncrasia imperial.

E no entanto e apesar de tudo isto, não se pôde negar que a actual viagem do imperador da Alemanha tem uma especial importancia. Porque? Pela causa que a determina e pelo momento em que se realisa.

Não é segredo para ninguem, — embora ha certo tempo e como que obedecendo a uma palavra de ordem a imprensa europêa quasi nada diga sobre o assumpto e ainda assim sómente por discretas allusões — que ha fortes motivos para acreditar, que Guilherme II está soffrendo da doença terrivel que victimou seu pae.

O mysterio, de que se tem querido cercar esta enfermidade, começa a ser desvendado, e as circumstancias que se dão com a viagem actual ainda mais o esclarecem. E' sobretudo por demais eloquente o facto de a imperatriz acompanhar o doente, e de Guilherme II se ter ausentado de Berlim para uma longa travessia, em que acontecerá estar alguns dias sem comunicar com a terra, precisamente na occasião em que de um instante para o outro gravissimas questões pôdem surgir no horizonte tão nublado da politica internacional. Para que o imperador, em momento tão critico, se tenha resignado a deixar pessoalmente de intervir na direcção da diplomacia germanica, é preciso que a causa do seu afastamento temporario dos negocios seja excepcionalmente poderosa. De modo que o segredo, tão cuidadosamente guardado pela imprensa officiosa fica subitamente posto a claro pela sahida do imperador de Berlim no momento actual.

Se o facto se desse no tempo de Guilherme I, não seria a sua importancia tão transcendente. Com a Bismarck á frente dos negocios podia muito bem, mesmo nas horas mais criticas, ausentar-se o príncipe reinante, porque ficava a governar o seu poderoso ministro. O caso hoje é differente. Guilherme II, como Luiz XIV depois da morte de Mazarino, fez-se primeiro ministro de si proprio. Concentrou em



Dai-butsu

A grande estatua de Kamakura — JAPAO

si todos os poderes e todas as iniciativas, sobretudo em politica externa, de modo que o chanceller von Bülow, ainda que tivesse o estofado de um segundo Bismarck, vêr-se-hia manietado pela situação subalterna em que o collocaram e que elle acceitou sem discutir. Não é um chanceller nem sequer um ministro dos negocios estrangeiros, mas apenas o complacente auxiliar do seu todo-poderoso amo, que só o utiliza como uma especie de escudo, necessario para os restos de ficção parlamentar representada pelo Reichstag.

N'estes termos a longa viagem pelo Mediterraneo, empreendida por Guilherme II pelo motivo da sua grave doença, ha-de ter necessariamente como consequencia um affrouxamento, senão mesmo a paralysação, da acção diplomatica da Alemanha na presente conjunctura. E' um bem? E' um mal esta inesperada paralysação?

Abstrahindo do que pôde ter de triste, sob o ponto de vista pessoal, semelhante inutilisação de um homem de incontestavel valor, na força da vida e no fastigio de todas as grandezas humanas, talvez seja favoravel á paz geral o golpe subito que no momento actual assim arreda de improviso Guilherme II da scena da politica activa europêa. Com a sua megalomania característica, com o temperamento impulsivo que nunca soube dominar, com os processos nem sempre extremamente correctos de promover o engrandecimento da sua patria, é mais do que provavel que em condições normaes havia de ser difficil ao Kaiser resistir á tentação de lançar a espada da Alemanha na presente conflicto.

Dois motivos igualmente poderosos a isso o incitariam. Em primeiro logar a ideia fixa, que transparece através de todos os seus actos politicos por vezes incoherentes e contradictorios, de abater o poder maritimo e commercial da Inglaterra e de lhe substituir o poderio da grande Alemanha unificada. Em segundo logar o desejo de captar as boas graças da Russia por um acto de decidida amizade, que possa até certo ponto reparar a falta commettida, em contrario á tradição bismarckiana, de ter lançado o



RUSSIA — Uma rua de San Petersburgo — Perspectiva do edificio da municipalidade

governo de S. Petersburgo nos braços da França. Ora qualquer d'estes dois motivos levando o Kaiser a collocar-se, senão abertamente pelo menos de facto, ao lado da Russia, seriam de molde a provocar a intervenção da Inglaterra no conflicto russo-japonês, e portanto a tornar quasi certa ou muito provavel a conflagração geral das potencias, o que representaria a maxima das desgraças para o mundo civilisado.

E' claro que, achando se actualmente acephala a diplomacia allemã, a gravidade do perigo, que deixamos apontado, attenua-se muito. E porisso se nos afigura que para a paz geral é um bem a paralyzação, a que o governo de Berlim se vê condemnado por motivo da doença do imperador, doença cuja gravidade, contra todos os desmentidos, a actual travessia pelo Mediterraneo acaba de revelar.

Que se está passando no Extremo-Oriente? E' difficil sabel-o, se queremos referir-nos ao seguimento das operações militares em terra. Os telegrammas que a todo o momento nos chegam do theatro da guerra, e que litteralmente enchem as edições ordinarias e extraordinarias dos grandes órgãos da imprensa europeã, nada adiantam, servindo apenas para produzir um estado de confusão, que chega a ser incomprehensivel n'este seculo de publicidade, dos caminhos de ferro e dos telegraphos electricos e sem fios. Nada se sabe ao certo, é esta a unica cousa que com exactidão se conhece. A respeito do segredo das operações militares não é isso de admirar, desde que os dois adversarios, e principalmente os japonezes, fazem consistir uma parte do seu plano de guerra em occultar até á ultima o movimento e a posição dos respectivos exercitos. O que, porém, se não percebe e muito menos se justifica, é como factos sabidos de todos, e que já não podem porisso constituir mysterio para ninguem, são falsamente deturpados por correspondentes interessados ou inconscientes, a ponto de apparecerem ao mesmo tempo em versões diametralmente oppostas. E peor ainda do que isso é a invenção de factos, que nunca existiram, como a noticia do celebre bombardeamento de Hakodate pela esquadra russa, que circulou durante algumas semanas quasi com caracter official pelos jornaes de todos os paizes e que no fim de contas era falsa! Chega a ser uma vergonha publica, que deshonra o mistér da imprensa tirando-lhe toda a força moral. Pena é que por emquanto não exista tribunal adequado para punir taes delictos, porque o são e dos peores a cynica desfaçatez e a incorrigivel reincidencia com que os correspondentes de certas gazetas atropelam a verdade.

No, entretanto, através do véo de todas as noticias falsas sobre a guerra, alguma cousa se vae vendo. Em primeiro logar é evidente que o Japão com as suas esquadras domina completamente o mar, e que o poder naval da Russia ficou aniquilado logo ao romper das hostilidades.

Tudo quanto depois da surpresa de 8-9 de fevereiro passado a Porto Arthur tem acontecido, prova de sobejo esta presumpção. Nem



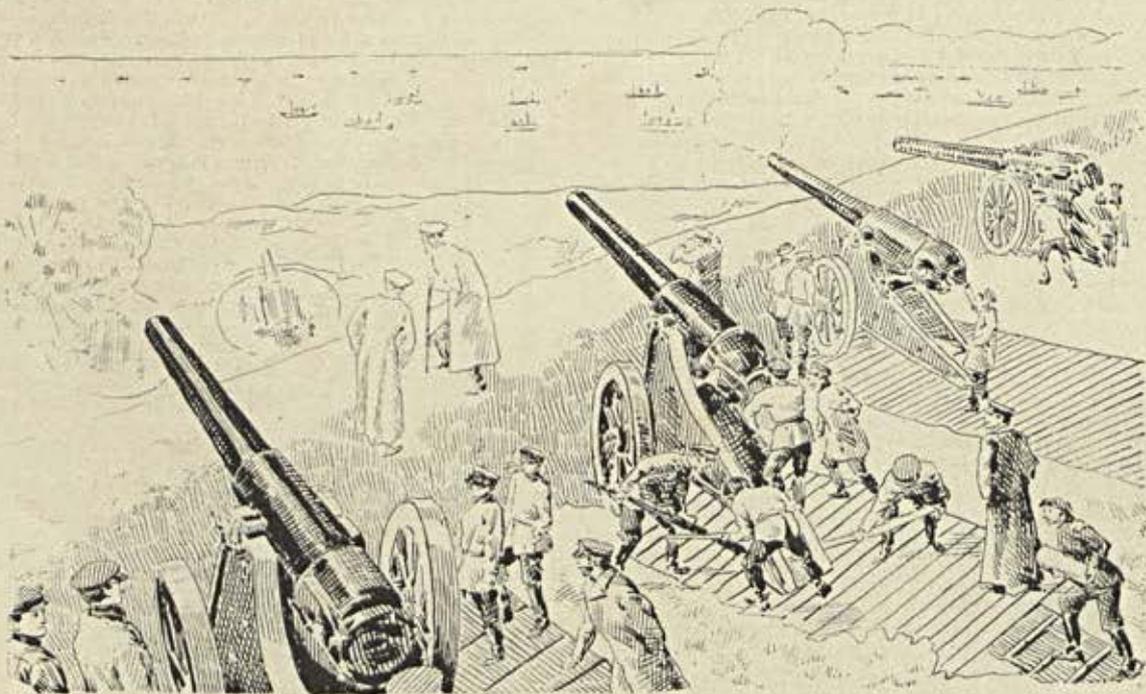
Typo da Russia — O cocheiro chic, todo almofadado

se comprehende que, a não ser assim, os russos tivessem consentido que sem serem incommodados, sem terem que disparar um unico tiro, os japonezes transportassem para a Corêa todo o seu exercito de desembarque. E' preciso que o desastre da esquadra do tsar tenha sido completo, para que tal houvesse succedido. E é indifferente para o caso que de facto os navios se encontrem destruidos na sua maior parte, ou que estejam por um bloqueio effectivo inutilisados para a offensiva.

A situação é em tudo identica á de 1898 na guerra hispano-americana. A surpresa de Cavite está reproduzida na surpresa de Porto Arthur. A esquadra do almirante Makarov está «engarrafada» como o estava a esquadra de Cervera. E até o almirante Wirenius passeando os seus navios do Mediterraneo para o canal de Suez e d'este ponto outra vez para traz, sem se decidir a partir para o theatro da guerra, tem o seu companheiro de infortunio e de hesitações no celebre almirante Camara, cujos navios nunca se decidiram a passar pouco mais ou menos do sitio onde se encontram hoje os do almirante moscovita.

Ainda outro facto transparece através do *imbroglio* das noticias, que do theatro da guerra alternadamente nos chegam por via de Paris, Londres e S. Petersburgo: o da inferioridade numerica do exercito russo na Mandchuria, comparada com a exaggerada quantidade de tropas, que se dizia ali existir. Se assim não fôra, teriam os russos deixado de operar um movimento offensivo na Corêa, com o fim de estorvarem por terra o desembarque dos soldados japonezes, a que por mar se não haviam podido oppôr por motivo do desastre soffrido pela esquadra de Porto Arthur? E' evidente, que se o não fizeram e não podêram aproveitar aquelle momento para bater os diferentes troços do exercito japonês, que ainda se não tinham reunido, foi porque se julgaram numericamente inferiores para darem então um golpe, que podia ser decisivo para o seguimento da guerra. Este facto é que os telegrammas falsificados não pôdem, por mais que queiram, occultar.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Bombardeamento de Porto Arthur



D. Amélia — As recitas Maeterlinck. Os concertistas Raoul Pugno e Eugène Isaye. **Gymnasio** — O cinematographo. Na lua de mel. **Avenida** — Vivinha a saltar!

Eu não sei se ha ainda por esse mundo fora alguma novidade theatral, alguma celebridade artistica, que não tenha feito escala pelo theatro **D. Amélia**. Se acaso existe tenham a certeza de que mais dia menos dia nos surge por abí a varinha magica do sr. visconde de S. Luiz Braga. E' que elle não é apenas, como costuma chamar-se-lhe, um empresario habil; elle é a Providencia viva. O que fez com a cidade de Lisboa o engenheiro Raul de Mesnier fez elle com todas as algebeiras lisboetas nivelou-as. D'antes, quem tivesse a velleidade de vér a Bartet, o Emmanuel, a Duse, o Novelli, e tantas outras estrellas que n'aquelle céo teem scintillado, ou tinha de puxar os cordões á bolsa, metter-se no caminho de ferro e ir a Paris e á Italia, ou então tinha de desistir. Não falo dos abastados, que esses, se acaso os picava a tarantula da arte, estavam já nivelados pelo dinheiro. Mas dos outros, de grande numero, dos bohemios do espirito, dos artistas, d'aquelles para quem as viagens de prazer não conseguiam sahir nunca do mundo do desejo e da utopia, e que, graças ao empresario providencial, teem conseguido nos ultimos tempos, sem sacrificio, nem perturbações no orçamento, ver desfilar deante dos seus olhos as celebridades em voga.

Quem, com effeito, nos diria, aqui ha alguns annos, que, com intervallo de dias, haviam de surgir n'um palco portuguez Maeterlinck e a sua troupe, e os famosos concertistas Pugno e Isaye? Quem nos diria que as nebulosidades litterarias, os symbolismos extravagantes, os arroubos de poesia, a arte original e exquisita do poeta flamengo, haviam, na propria lingua, de ser escutados por ouvidos portuguezes, n'um theatro portuguez? E que as attitudes elegantes, a voz doce, a suave expressão e a deliciosa plasticidade de Georgette Leblanc, intensificando, integrando por assim dizer, n'uma comprehensão nitida e n'uma execução harmoniosa a obra de seu marido, haviam de ser saboreados pelo paladar portuguez na sala de um theatro nosso? Não ha pois milagre que a boa vontade não opere, e é a essa boa vontade e a essa especie de missão social, que consiste em importar do estrangeiro notabilidades consagradas que devemos o prazer espirital de ouvir n'um intimo recolhimento essas joias litterarias tão discutidas na sua estrutura mas no fundo tão altamente cotadas em toda a parte, *Monna Vanna, Aglavaine et Selysette, L'Intruse e Joysette*.

De todas ellas criticos de polpa se teem largamente occupado. Em poucas obras da actualidade teem incidido tantas opiniões controversas como na obra de Mauricio Maeterlinck.

Genio para uns, *détraqué* para outros, Shakespeare para muitos, idiota para alguns, o dramaturgo de Gand é incontestavelmente uma das figuras excentricas e incomprehendidas da litteratura contemporanea. Não é pois a velleidade de critical-o ou escarpellar o seu trabalho por forma a fixal-o n'uma evidencia sobre a qual todas as duvidas se dissipem que hoje nos traz aqui.

Bem mais simples é o nosso objectivo, porque consiste apenas em memorar e frizar bem este privilegio, concedido pela empresa de um theatro á cidade de Lisboa, de lhe offerer, de lhe exhibir em carne e osso o que era para uns uma aspiração, para outros uma lenda e para a maior parte o impossivel.

Depois de Maeterlinck e Georgette Leblanc, os dois concertistas extraordinarios. N'aquelle mesmo palco privilegiado, depois de nos termos encantado com a batuta admiravel de Colonne, apparecem aquelles que hoje são considerados os primeiros *virtuosi* da Europa a exceder as expectativas mais exigentes, a mostrar-nos que a divina arte ainda tinha segredos nunca desvendados antes delles, que a grandeza genial de Beethoven, a elevação artistica de Back, a sciencia impeccavel de Saint Saens, as delicadezas subitas de Chopin, a sobria poesia de Haendel, a arte emfim de todos esses grandes, de Cesar Franck, de Veniawski, e de outros ainda, como que só agora encontrou a sua interpretação sublime na inexcédível virtuosidade de Pugno e Isaye. Tambem nunca foi tão justo o publico de Lisboa, glorificando n'um entusiasmo fremente e sincero os dois maravilhosos concertistas.

Doas comedias novas nos deu agora o **Gymnasio**: *O cinematographo*

e *Na lua de mel*, ambas talhadas para aquelle theatro e para aquelles artistas. *O cinematographo*, em tres actos, faz rir a bandeiras despregadas, graças ao auctor da comedia, e ao espirito de Accacio. Antunes, que recheou o original de ditos seus, que lhe inoculou toda a sua verve, e que fez emfim de *O cinematographo* uma das comedias mais hilariantes que no theatro da rua da Trindade teem sido desempenhadas.

Nos applausos com que o publico a consagrou tiveram grande parte os melhores artistas d'aquella casa, entre os quaes sobresahiram Soller e Joaquim d'Almeida, completando o excellente desempenho, Ignacio, Cardoso, Palmyra, Torres, Sophia Santos, etc.

A outra comedia n'um acto: *Na lua de mel*, esmeradamente traduzida por Leopoldo de Carvalho, tem episodios interessantes e graça á farta de que Barbara tira effeitos, como só ella sabe fazel-o, dando á scena da embriaguez um tal realce, que o publico lhe fez chamadas especiaes.

E de novo apenas nos dão os theatros de Lisboa, além do que deixamos registado, a revista que está em scena no theatro da **Avenida Vivinha a saltar!** que não vimos ainda e da qual, portanto, não podemos falar senão no numero seguinte.

JAYME VICTOR.

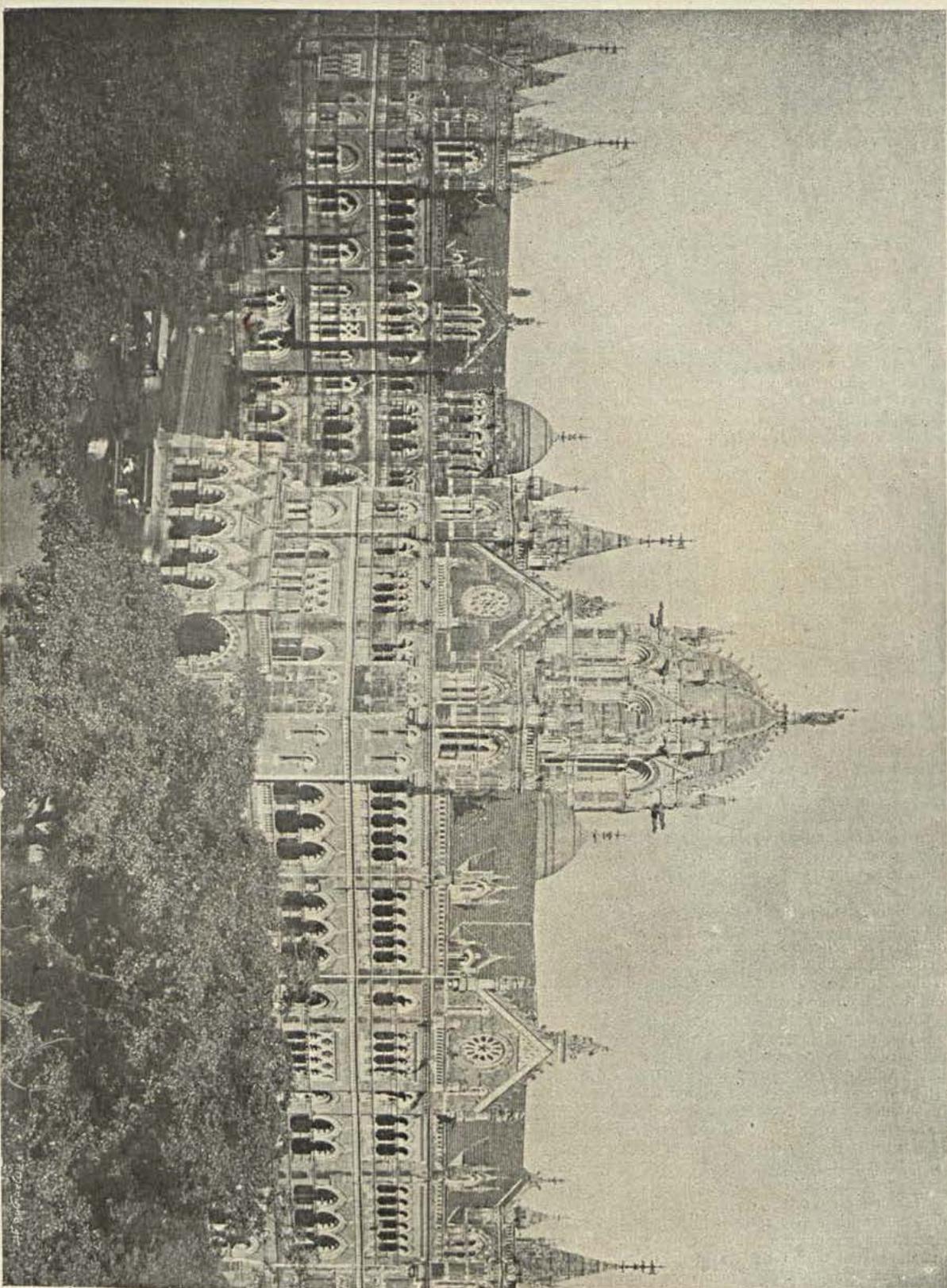
O actor Augusto



† 19-3-004

Com a morte d'este artista desapareceu da scena um dos mais engraçados actores da operetta, entre nós. Foram muitas as suas creações, e diversas as gerações que elle alegrou com a sua graça e com os seus typos.

India inglesa



A estação dos caminhos de ferro em Bombaim